



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE REPETIÇÕES EM INTERAÇÕES DE DUAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO



DESCRIPTION AND ANALYSIS OF REPETITIONS IN THE INTERACTION OF TWO AUTISTIC CHILDREN

Larissa Tavares Meira
Fernanda Miranda Cruz
Ana Carina Tamanaha
Jacy Perissinoto

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 30/06/2020 • APROVADO EM 23/10/2020
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2589>

Resumo

Este artigo analisa ocorrências de repetições na fala de duas crianças autistas, em situações de intervenção clínico-terapêutico, levando em consideração o ambiente interacional e sequencial em que emergem tais produções. Nosso enfoque recai sobre o tratamento dos aspectos multimodais (verbais e não-verbais) mobilizados pela criança que possa corroborar para uma análise linguístico-interacional dessas ocorrências. Nosso objetivo é ilustrar uma

forma de análise desses padrões interacionais repetitivos que colabora com abordagens que exploram eventuais funcionalidades linguístico-interacionais dessas ocorrências na interação.

Abstract

This article analyzes the occurrence of repetitions in the speech of two autistic children, in therapeutic intervention, considering the interactional and sequential environment that repetitions emerge. We focus on the multimodal aspects (verbal and non-verbal) mobilized by the children that can be corroborated for a linguistic-interactional analysis. Our goal is to illustrate a way of analyzing of these repetitive interactional patterns that correlate with approaches that explore eventual linguistic-interactional functionalities of these occurrences in the interaction.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Repetição. Ecolalia. Transtorno do Espectro Autista. Multimodalidade. ELAN. Praat.

KEYWORDS: Repetition. Echolalia. Autistic Spectrum Disorder. Multimodality. ELAN. Praat.

Texto integral

Este artigo pretende analisar as ocorrências de repetições em interações envolvendo duas crianças autistas a partir de uma perspectiva linguística sociointeracional dessas produções. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é descrito clinicamente como uma condição que afeta o desenvolvimento neurocognitivo e que compromete, em formas e graus distintos, o engajamento do sujeito na construção conjunta da atenção, das ações e na participação em interações sociais (LAI e BARON-COHEN, 2014).

Selecionamos dois excertos de situações interacionais, a partir dos quais exploraremos as ocorrências de repetição na fala de duas crianças com TEA, Lucas (pseudônimo), de 6 anos e 7 meses, e Gustavo (pseudônimo), de 3 anos e 10 meses. As duas interações em questão foram extraídas do *Corpus* Audiovisual de interações entre terapeutas-crianças-familiares registradas no Núcleo de Investigação Fonoaudiológica em Linguagem de Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro do Autismo (NIFLINC-TEA) do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal de São Paulo, coordenado pela fonoaudióloga e docente-pesquisadora Jacy Perissinoto. As duas interações que acontecem durante as sessões de terapia foram registradas em vídeo. O tratamento multimodal a partir de ferramentas próprias do campo da linguística interacional multimodal (STREECK *et al.*, 2011) tem sido aplicado em dados de interações envolvendo crianças com TEA dentro de uma parceria entre pesquisadores linguistas e fonoaudiólogas do Laboratório de Linguagem e Cognição (LabLinC) e do NIFLINC-TEA, ambos na Universidade Federal de São Paulo. Essas pesquisas têm sido financiadas pela FAPESP (processo 2018/07565-7) e CNPq

(40509120184). Os *corpora* linguísticos de interações envolvendo crianças com TEA construídos no quadro desses projetos são anonimizados, transcritos e com acesso restrito apenas a pesquisadores do projeto (Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, UNIFESP, processo 59128416.3.000.5505).

REPETIÇÕES E ECOLALIAS: UMA ANÁLISE SOCIOINTERACIONAL

No primeiro excerto analisado, temos um caso de ecolalia. A ecolalia tem sido genericamente definida como a repetição da fala de outros. É considerada uma das características que definem os distúrbios do TEA (TAMANAHA, PERISSINOTO e PEDROMÔNICO, 2004; STERPONI e SHANKEY, 2014) e é normalmente separada em duas categorias com base na latência temporal entre a produção original e a subsequente repetição (PRIZANT, 1983; SCHULER, 1979). A ecolalia imediata refere-se às repetições produzidas imediatamente em seguida ou em um pequeno tempo após a produção modelo, enquanto as ecolalias tardias são produções repetidas após um período significativo de tempo (PRIZANT, 1983, apud STERPONI e SHANKEY, 2014). Há também pesquisas que se dedicam ao estudo da ecolalia mitigada, que se refere a qualquer modificação da emissão repetida – podendo ser imediata ou tardia – para fins comunicativos (SAAD e GOLDFELD, 2009). No segundo excerto, diferentemente de uma repetição ecolálica, temos uma ocorrência de auto-repetição da própria produção pela criança de um enunciado ao longo da interação, sem grandes variações nos padrões sintáticos-entonacionais em cada uma das produções.

Para além do fato das repetições serem identificadas como recorrentes na fala de algumas pessoas autistas, uma vertente de estudos sugere justamente analisar o comportamento repetitivo de crianças autistas nos termos de seus significados para a criança e para a interação (WOLF e CHESS, 1965; PRIZANT e DUCHAN, 1981; PRIZANT e RYDELL, 1984; DYER e HADDEN, 1981; FERNANDES, 1993; TAMANAHA, PERISSINOTO e PEDROMÔNICO, 2004; KORKIAKANGAS, RAE e DICKERSON, 2012; STERPONI e SHANKEY, 2014; KORKIAKANGAS, 2018). Para além disso, sugerem ainda tentar discernirmos as funções interacionais e cognitivas da repetição na fala e na relação com a linguagem que a criança autista pode ter. Nessa direção estão os trabalhos pioneiros de Prizant (1983) que, para além da noção de ecolalia como déficit linguístico específico, esteve interessado em investigar como as pessoas autistas comunicavam-se, por vezes, justamente através de produções vocais emprestadas de outros. Estudos nesta direção (PRIZANT e DUCHAN, 1981 apud STERPONI e SHANKEY, 2014) identificaram um número significativo de funcionalidades para as ecolalias, podendo estas ser, por exemplo, comunicativas ou autorreguladoras do comportamento das crianças.

É nesta orientação de estudos que nos propomos caminhar e a pergunta central em nossas investigações é: ao reconhecermos a emergência de uma ecolalia ou de um padrão de vocalização mais restrito ou repetitivo em uma interação, quais desdobramentos, do ponto de vista interacional, esta produção tem para a interação entre as pessoas dela participantes? Como o outro (familiar ou terapeuta) a trata interacionalmente e quais trajetórias interacionais parecem

propiciar mais possibilidades de sociabilidade da criança autista? Essas perguntas são inspiradas em trabalhos como os de Sterponi, Kirby e Shankey (2014). As autoras nos convidam a repensarmos a linguagem no autismo com base em uma abordagem multidimensional. Esta abordagem leva em consideração sua dimensão interacional-dialógica; sua dimensão pragmática, uma vez que a linguagem é uma ação; e sua dimensão experiencial, uma vez que temos, cada um movido por suas condições individuais e socioculturais, uma experiência com a linguagem.

METODOLOGIA: TRATAMENTO DAS SITUAÇÕES DE INTERAÇÃO REGISTRADAS EM VÍDEO

Os registros das interações das quais participa Gustavo possuem cerca de 30 minutos e das interações das quais participa Lucas possuem cerca de 1 hora de gravação. Desse material em vídeo, selecionamos dois dados trazidos neste artigo, que foram descritos, transcritos e analisados com auxílio dos softwares ELAN (WITTENBURG *et al.*, 2006, versão 5.9) e PRAAT (BOERSMA, 2007, versão 6.0.25). O software ELAN nos permite a facilitação na segmentação e transcrição de dados audiovisuais. Algumas pesquisas utilizam o ELAN para o estudo da aquisição da linguagem (BEZERRA, SILVA e CAVALCANTE, 2016). Nos propusemos ainda a uma análise prosódico-entonacional das produções analisadas, para isso, contamos com o auxílio do software PRAAT, que nos permite verificar um espectrograma da produção, sua intensidade e padrões de entonação. A notação de transcrição adotada foi Mondada (2014), para dar conta da sequencialidade (MONDADA, 2004) e da temporalidade (MONDADA, 2004) da interação. Cada participante está indicado por três letras iniciais: GUS (Gustavo) e PAI (pai); LUC (Lucas) e TER (terapeuta). Na transcrição, as linhas com as iniciais maiúsculas e em negrito representam a fala e as linhas com as iniciais minúsculas, sem negrito e acompanhadas de um símbolo gráfico representam os gestos. Segue abaixo a convenção de transcrição baseada em Mondada (2014).

Quadro 1 – Quadro de notação de transcrição multimodal: Aspectos linguísticos-verbais

| | | |
|--------------|---|--|
| xxx | segmento ininteligível | medidas e visualizadas com ajuda do <i>software</i> ELAN versão 5.9 e do <i>software</i> PRAAT versão 6.0.25 |
| & | continuação do turno de fala pelo mesmo locutor após uma quebra da linha de transcrição | |
| (.) | micro pausas, inferiores a 0,3 segundos, não medidas | |
| (0.4) | pausas | |
| = | fala colada | |
| : | alongamento silábico | |

| | | |
|----------------------|--|--|
| .h | marca a inspiração do locutor | medidas e visualizadas com ajuda do <i>software</i> ELAN versão 5.9 e do <i>software</i> PRAAT versão 6.0.25 |
| / | entonação ascendente | |
| \ | entonação descendente | |
| // | entonação de pergunta (ascendente) | |
| maIÚSCULA | volume forte de voz | |
| ° ° | volume baixo, murmúrio de voz | |
| < > | delimitação das descrições entre parênteses | |
| ((descrição)) | descrição de ações ou aspectos interacionais | |

Fonte: Notação multimodal de Mondada (2012/2016) extraído de Cruz, 2017, p. 177 a 179.

Quadro 2 – Quadro de notação de transcrição multimodal: Aspectos gestuais-corporificados

| | | |
|---------------------|---|---|
| +----+ | indicação do início e do fim da ação/gesto em relação à fala | visualizadas com ajuda do <i>software</i> ELAN versão 5.9 |
| * | os símbolos gráficos indicadores de ação/gesto posicionados no momento em que são realizados com relação à fala | |
| ---->01 | continuação da ação/gesto até a linha indicada do excerto | |
| ---->+ | se uma ação/gesto continua nas linhas seguintes, sua descrição é seguida de uma flecha e do símbolo que delimita o seu fim. | |
| ---->> | continuação da ação/gesto até o fim do excerto | |

Fonte: Notação multimodal de Mondada (2012/2016) extraído de Cruz, 2017, p. 177 a 179.

ANÁLISE

Após a visualização dos vídeos, mapeamos, com o auxílio das trilhas do ELAN, uma tabela que nos permite visualizar estatisticamente a quantidade de turnos em que houve repetição integral ou parcial do turno precedente e a quantidade de turnos sem repetição a fim de termos uma dimensão da quantidade de produções verbais ou das vocalizações produzidas pelas duas crianças em um certo intervalo de interação.

Tabela 1 – Variáveis estatísticas de repetições

| | Gustavo | Lucas |
|---------------------------------------|------------|-----------|
| <i>Tempo de interação considerado</i> | 20 minutos | 5 minutos |
| Sem repetição | 18 | 3 |
| Repetição | 12 | 1 |
| Total de turno | 30 | 4 |

Fonte: Tabela de variáveis estatísticas extraída com auxílio do ELAN (Wittenburg *et al.*, 2006, versão 5.9)

É possível notar, de acordo com a tabela fornecida, que ambos apresentam ocorrências de repetições. Lucas, em um período de cerca de 5 minutos, produz apenas uma sequência de fala com ocorrência de repetição da fala do outro, enquanto Gustavo, em um período de 20 minutos, apresenta um total de 30 sequências de fala, em que 12 são constituídas de auto-repetições. Consideramos sequências de fala como turnos de fala. A contabilização dessas ocorrências relativiza e situa as produções que vamos analisar. Não registramos o tempo todo crianças em interação e, muitas vezes, o que registramos, em uma situação específica, com interlocutores específicos, pode variar muito e não representar o comportamento linguístico dessa criança. Embora ambas crianças façam uso de repetições durante a interação, nosso propósito central não é conduzir uma análise quantitativa, mas analisar os momentos em que tais ocorrências emergem durante a interação e a forma como os presentes lidam, interacionalmente, com ela. Dessa forma, estamos interessadas na sequencialidade e na temporalidade (MONDADA, 2004) dessas interações que acontecem com repetições.

Apresentamos abaixo uma breve descrição do perfil comunicativo das duas crianças, a transcrição de duas interações (excertos 1 e 2) e as análises sugeridas.

Lucas

No caso das interações das quais participa Lucas, temos uma avaliação em que a terapeuta (TER) solicita a imitação de esquemas gestuais simples e sequenciais em rotinas familiares (MENEZES, PERISSINOTO, 2008). Lucas nasceu em fevereiro de 2008. Um relato da mãe, feito ao serviço de atendimento, quando Lucas tinha 4 anos e 7 meses, descreve: *“ele não consegue me explicar nada, não entende as orientações dadas na escola, temos que falar as coisas várias vezes e nem sempre ele entende”*. Em outro relato posterior, após algumas sessões de terapia fonoaudiológica, a mãe considerava que Lucas estava bem, *“mas, às vezes, fala coisas fora de hora. Precisa de rotina, pois quando não tem se desorganiza”*. De

acordo com as avaliações clínicas realizadas periodicamente pelo NIFLINC-TEA, Lucas apresentou dificuldades e melhoras ao longo do acompanhamento. Em 2012, aos 4 anos e 7 meses, Lucas se comunicava com ecolalias imediatas e tardias sempre fora do contexto. O contato visual era restrito e tinha pouca iniciativa de fala e interação. Lucas apresentava dificuldade em compreender perguntas simples, mas a fala espontânea havia melhorado para o pedido de objetos, ação e pedido de rotina social, assim como a procura por contato visual. Apesar da melhora na fala espontânea, apresentava ainda dificuldade na manutenção do olhar. Em 2014, na avaliação dos aspectos comunicativos, notou-se que Lucas ainda se comunicava por ecolalia, mas foi observado que as produções ecolálicas eram mais contextualizadas, com aumento do vocabulário expressivo. No excerto 1, vamos analisar a ocorrência de uma dessas produções de ecolalia contextualizada.

Na avaliação feita com a idade de 6 anos e 7 meses, os aspectos interacionais destacados foram: restrição na manutenção do contato visual; respeito às regras de troca de turnos, mas com poucas iniciativas de fala; dificuldade na compreensão de ordens simples na conversa espontânea, que era facilitada quando contava com apoio de figuras e gestos; dificuldade na compreensão de inferências; dificuldade na elaboração de relatos e recontos e ocorrências de ecolalia imediata e tardia. Na escala ABC, uma listagem de comportamentos com 57 perguntas preenchidas sob forma de entrevista aos pais ao longo da avaliação fonoaudiológica, que permite a descrição detalhada das características não adaptativas nas áreas: sensorial, uso do corpo e objeto, linguagem, pessoal-social e relacional (TAMANHA, PERISSINOTO e CHIARI, 2008) apresentou escore 74 pontos, indicador de probabilidade de TEA (KRUG *et al.*, 1993 apud MARTELETO, 2009).

No excerto 01, abaixo, Lucas e terapeuta estão sentados de frente um para o outro, diante de uma mesa. A terapeuta propõe brincadeiras e Lucas deve imitar. Neste excerto, a terapeuta produz uma cena de uma jogada com gol, com um pequeno boneco, uma bola e uma trave de futebol. Após fazer essa simulação, a terapeuta passa a vez para Lucas. No entanto, ao pegar a bola e imitar o jogo de futebol, a bola cai no chão. Neste momento, a terapeuta diz “tudo bem” para referir-se ao fato de a bola ter caído no chão. Lucas repete “tudo bem”. Pretendemos analisar essa ocorrência de repetição, que se encontra em destaque no retângulo, compreendendo as linhas 16 a 24 do excerto transcrito.

Excerto 1: Corpus NIFLINC-TEA/UNIFESP

```

01      @#(0.4) + @(1.4)
02  LUC  @olha p/ câmara@
03  ter  #pega brinquedos na caixa----->l. 05
04  luc_o @olha na direção da ter----->l. 07
05  TER  agora vamo pro OUTRO\
06      @#(0.5)
07  luc_o @olha p/ brinquedos----->l. 13
08  ter_o #olha p/ brinquedos----->l. 15
09      # (7.3)          +          # (5.9)
10  ter  #posiciona brinquedos na mesa#brinca com os brinquedos-
11      --->l. 15
12  TER  @ gO:::::1 @
13  luc_o @ olha p/ ter @
14      (0.2) + #(2.2)
15  ter  #entrega brinquedos p/ luc-----
16  TER  ---#sua vez/
17  luc  <@(12.0)((brinca c/ brinquedos e derruba bolinha))>
18      @ (0.7)          +          @ (0.5)
19  luc_o @acompanha bolinha caindo@...olha p/ ter-----
20      ----->l. 23
21  LUC  ui
22  TER  → tudo bem (.) pode pegar@
23  luc_o @direciona olhar p/ baixo---l. 31
24  LUC  → tudo bem
25  luc  <(3.9)((levanta-se da cadeira))>
26  luc  <(1.5)((pega bolinha do chão))>
27  LUC  é
28  luc  <(1.2)((caminha até a mesa))>
29  TER  quer fazer de NOvo//
30  LUC  @ quero @
31  luc_o @ olha p/ ter@
32  TER  pode fazer/@
33  luc_o @olha p/ brinquedos----->l. 36
34  luc  <(1.2)((brinca c/ brinquedos))>
35      @ (0.7)          +          @ (1.0)
36  luc_o @...olha p/ ter----@olha p/ brinquedos---->l. 38
37  LUC  @ gO:::::1@
38  luc_o @olha p/ ter@olha p/ brinquedo@olha p/ ter@olha p/
39  brinquedos----->
40  TER  uhum
41  luc  <(1.0)((entrega brinquedos p/ ter))>
42  TER  ai::: muito bom/
43      (0.8)
44  LUC  @meu amigo gosta de um gol desse@
45  luc_m @aponta p/ brinquedo-----@

```

A fim de darmos conta de uma compreensão dos recursos mobilizados por Lucas durante a interação, verificamos que Lucas ao derrubar a bolinha, direciona seu olhar para a TER e o mantém fixo. Segundo Korkiakangas e Rae (2014), o direcionamento de olhar de uma pessoa pode revelar informações como orientação, postura e a atenção para os outros co-presentes, que podem subsequentemente moldar suas próximas ações. Ao considerarmos o direcionamento de olhar, notamos que Lucas sustenta seu olhar para a avaliadora, conforme o esquema ilustrativo abaixo.

Figura 1 – Sequência: Direcionamento de olhar de Lucas

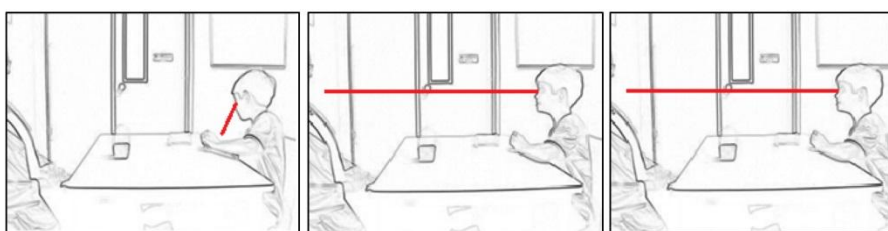


Imagem 1: Lucas olha para a bolinha caindo

Imagem 2: Lucas direciona olhar para terapeuta

Imagem 3: Lucas fixa olhar

Essa sustentação do olhar (imagens 2 e 3) tem sido analisada como uma solicitação de *feedback* do outro (KORKIAKANGAS e RAE, 2014). Neste caso, Lucas solicita um *feedback* da terapeuta para o episódio da bolinha ter caído no chão. Em seguida a essa sustentação do olhar, Lucas produz 'ui' (linha 22) sobre o que aconteceu. Após isso, a terapeuta produz um 'tudo bem (.) pode pegar' (linha 23), indicando a Lucas que não havia problemas no fato da bolinha ter caído e autorizando-o a levantar-se para pegar a bola. A produção de “tudo bem” por parte da terapeuta indica sua avaliação como resposta ao que aconteceu (a bola ter caído), mas também com relação à sustentação do olhar de Lucas. Como apontam Souza e Ostermann (2017), sobre os demonstrativos de avaliações nas interações, as avaliações são produzidas como produtos de participação (POMERANTZ, 1984) e ainda seriam “um dos lugares-chave em que os participantes negociam e mostram um ao outro uma visão congruente dos eventos com os quais eles se deparam em seu mundo” (GOODWIN, 1992 apud SOUZA e OSTERMANN, 2017, p. 614). A produção de 'tudo bem' da terapeuta parece ter sido desenhada prosodicamente (LOCAL e WOOTON, 1995) a fim de indicar uma avaliação com relação ao que ocorreu e não uma pergunta se estava tudo bem, que teria uma entonação ascendente. Neste caso, nos instiga investigar mais pormenorizadamente a produção “tudo bem” realizada por Lucas logo após o turno da terapeuta. Ao direcionar seu olhar para baixo, em direção à bolinha caída (imagem 3), Lucas repete 'tudo bem' (linha 25), também em entonação descendente. Assim, temos nesse momento da interação, duas produções “tudo bem”, em entonação descendente, com padrões entonacionais muito semelhantes, como podemos ver nas imagens dispostas abaixo extraídas do Praat.

Figura 2: Captura de tela da janela do *software* PRAAT

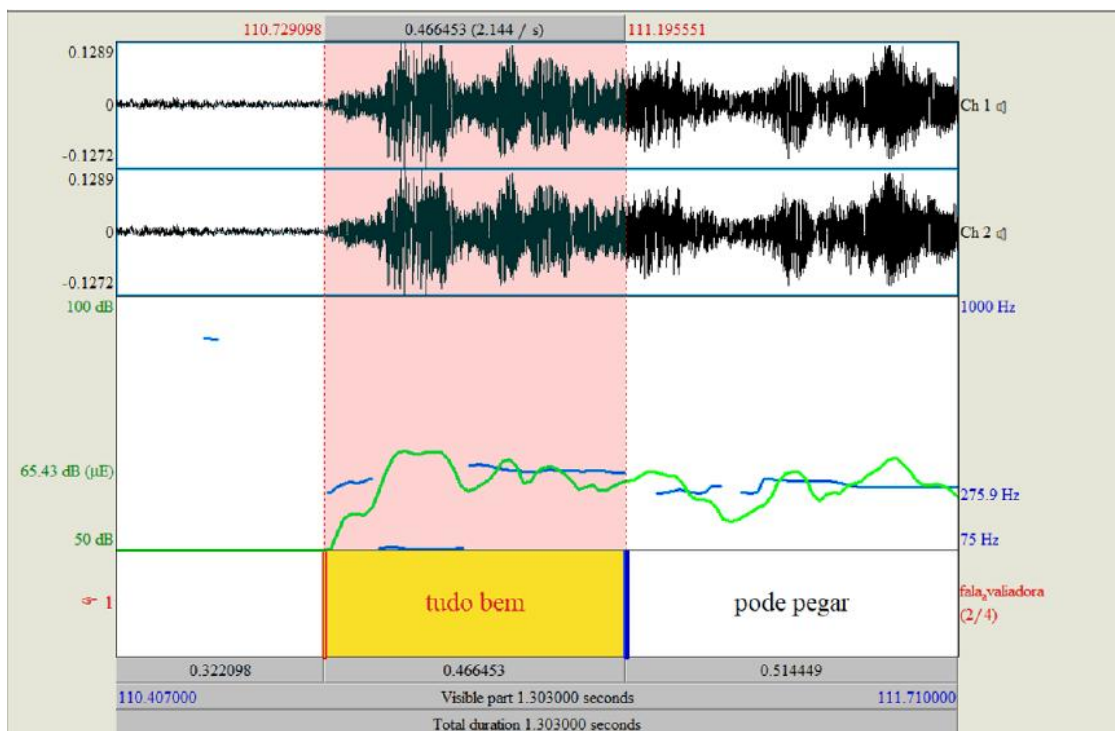


Figura 2. A produção das sentenças “tudo bem” e “pode pegar” (linha 22) por parte da terapeuta, segundo Praat (Boersman, Paul, 2007). Destaque para a produção de “tudo bem”, em amarelo.

Figura 3: Captura de tela da janela do *software* PRAAT

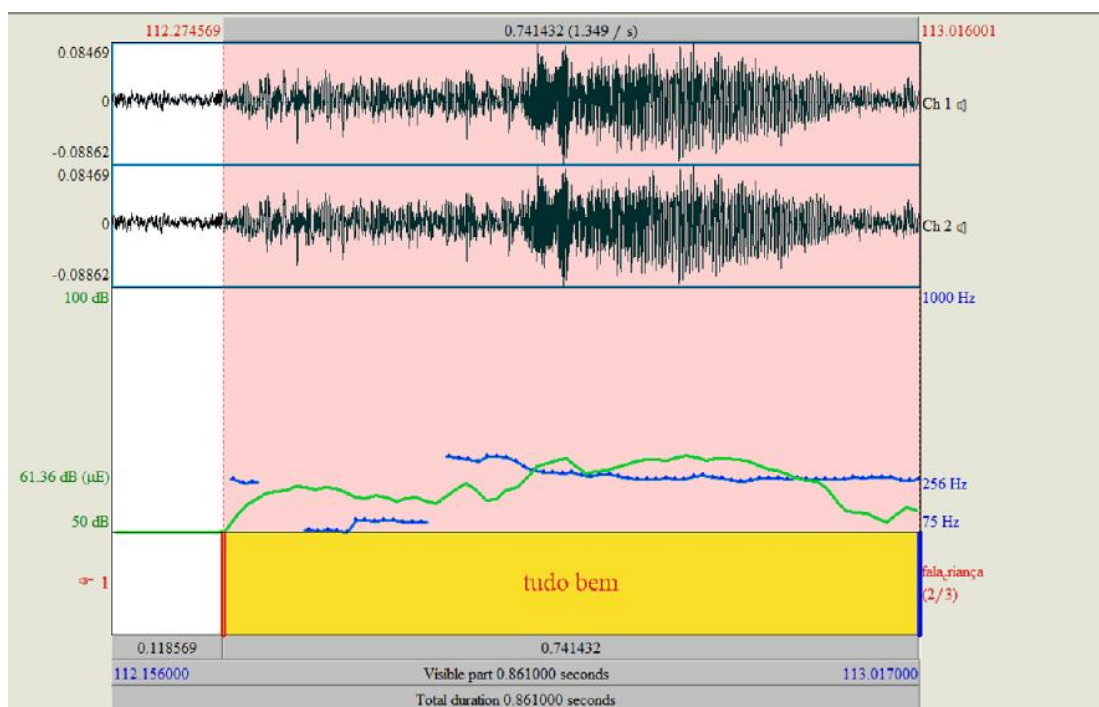


Figura 3. A produção da sentença “tudo bem” (linha 24) por Lucas, segundo o Praat (Boersman, Paul, 2007).

Os padrões prosódico-entonacionais são pertinentes na investigação das produções de repetição ou ecológicas, como demonstram alguns estudos (KEENAN-OCHS, 1977; CURL, 1987; LOCAL e WOOTTON, 1995; 1996; SCHEGLOFF, 1997; TAPLEE e BARROW, 1999 apud CRUZ, 2010, por exemplo).

Através das figuras 2 e 3 produzidas com base no PRAAT temos que as linhas azuis, correspondentes aos pitches, e as linhas verdes, correspondentes à intensidade da produção vocálica, das duas produções se assemelham. Se observarmos apenas o trecho em que a avaliadora produz 'tudo bem' (em amarelo, Figura 2) e, em seguida, observarmos a repetição de Lucas (em amarelo, Figura 3), notamos que os traços prosódicos-entonacionais dos dois se assemelham. Viollete e Swicher (1992) sugerem que é relevante se atentar para sensibilidade da criança autista não apenas para as demandas de processamento de informações solicitadas do interlocutor, mas também a seu estilo interacional. Com isso, esses traços talvez mereçam atenção em algumas análises. Ao produzir “tudo bem” com entonação descendente e logo após a produção do “tudo bem” de avaliação da terapeuta, temos uma posição funcional interessante desta repetição sem mudança de padrão

entonacional. Lucas preenche a posição de falante do próximo turno, ao mesmo tempo em que se dirige em direção à bola no chão. Avaliamos que o tratamento analítico neste nível de detalhamento do ambiente interacional em que a ecolalia emerge pode colaborar com os achados já descritos na literatura sobre o tema. Vejamos.

Prizant e Duchan (1981) identificaram sete funções para as ecolalias imediatas em quatro crianças com autismo e quatorze funções para a ecolalia tardia em três crianças. Essas funções incluíam claros objetivos comunicativos e evidência de compreensão pela criança, como afirmações, pedidos ou protestos. O autor também mostrou que esses ecos podem não atingir funções comunicativas, porém funções cognitivamente significantes como autorreguladores do comportamento motor, ou como ajuda no processamento e na estratégia de ensaio (PRIZANT e DUCHAN, 1981; PRIZANT e RYDELL, 1984 apud STERPONI e SHANKEY, 2014).

A partir de uma análise atenta a aspectos do contexto interacional e a aspectos não-verbais, tais como gestos de apontar ou direcionamentos de olhares que podem anteceder ou seguir-se às produções ecolálicas, os estudos de Prizant e Duchan (1981) foram centrais para nortear pesquisas que mostram que as ecolalias podem ter funções variadas nas interações e nas formas de expressão das crianças autistas. Essa abordagem analítica aplicada a ocorrência de repetições pode promover inteligibilidade a essas formas linguísticas situadas e contingentes a seus contextos de produção.

Da observação de que ocorrências ecolálicas de crianças com Síndrome de Asperger têm características funcionais de comunicação, Tamanaha, Perissinoto e Pedromônico (2004) desenvolveram um protocolo de avaliação e de intervenção que parte das hipóteses de que a ecolalia representa a estrutura discursiva inicial dessas crianças. No protocolo, cada criança é observada por 45 minutos em situação lúdica com terapeuta, as sessões são gravadas e observadas por dois observadores-cegos e a fala ecolálica é classificada segundo 14 categorias como interativa ou não-interativa. O levantamento das autoras mostrou que, dentre as categorias consideradas interativas, as de maior ocorrência foram: solicitação de objeto, solicitação de ação, solicitação social e protesto; enquanto as de menor frequência foram as categorias de permissão, agradecimento, informação, identificação e comentário. As autoras apontam que ainda que as categorias de maior ocorrência sejam as de menor complexidade, valorizou-se seu emprego como estratégia de intervenção clínica em busca da inserção social. Quando esses episódios foram tratados pelo adulto como tendo função comunicativa e respondendo àquela estrutura verbal, observou-se o aumento da estrutura ecolálica também para objetivos mais complexos da comunicação, como pedido, dar informações e fazer comentários. Ao mesmo tempo, observou-se que houve o aumento da fala espontânea e não ecolálica.

Em um segundo excerto, referente a uma segunda criança, Gustavo, vemos que o tratamento sacionteracional de uma auto-repetição também pode ser produtivo para destacar alguns traços dessas produções, mesmo aqueles casos em que os prejuízos verbais da criança com TEA se destacam.

Gustavo

Nas interações de Gustavo temos um momento de avaliação de brincadeira semi-dirigida com o cuidador (MENEZES e PERISSINOTO, 2008). Nesse momento da avaliação, o pai de Gustavo (identificado por pai, na transcrição) é orientado a brincar com seu filho em um contexto de brincadeira livre, tendo como material disponível uma caixa de brinquedos. Gustavo tinha 3 anos e 10 meses no período da gravação das interações. De acordo com os pais, Gustavo não manifestou nenhuma alteração no desenvolvimento da linguagem até cerca de 2 anos, apresentando vocabulário extenso, com a produção de palavras isoladas de diversos campos semânticos. No entanto, após os 2 anos, os pais queixaram-se que Gustavo não formava frases espontâneas, iniciando a terapia fonoaudiológica. De acordo com as avaliações dos profissionais do NIFLINC-TEA, no que diz respeito à sua produção verbal, Gustavo produzia 143 palavras, segundo a *Lista de Avaliação de Vocabulário Expressivo – LAVE (Tradução e Adaptação por Capovilla, 1997, de LDS – Rescorla, 1989)*. O LAVE que consiste em uma entrevista feita com pais ou cuidadores, em que estes assinalam palavras que a criança produz espontaneamente no seu cotidiano e também são convidados a oferecer exemplos de frases espontâneas utilizadas pela criança (ARMONIA *et al*, 2015). O resultado de Gustavo é considerado abaixo do esperado em sua idade.

A produção de ecolalias é relatada pelos pais. No entanto, não encontramos tais produções na amostra de vídeo visualizada para este estudo. Identificamos produções repetidas, como mostraremos. Do ponto de vista interacional, Gustavo apresenta prejuízos importantes na interação social, apresentando poucos momentos de atenção compartilhada, pouco contato visual e poucas trocas de turno. De acordo com o Teste de Avaliação do Desenvolvimento da Linguagem (MENEZES, 2003), que permite identificar alterações no desenvolvimento da linguagem, Gustavo obteve escore padrão da linguagem global compatível com um distúrbio severo do desenvolvimento da linguagem, comprometendo os aspectos pragmático e semântico.

Na interação abaixo, Gustavo e o pai estão envolvidos em uma brincadeira livre, ambos sentados no chão em frente a uma caixa com brinquedos. O pai convida Gustavo para brincadeiras ao longo da interação, a partir de uma caixa de brinquedos disponibilizada pela terapeuta. Nesta interação, há uma frequência de repetição da expressão "ito deixa", produzida quatro vezes por ele mesmo. Essas produções não têm as características de uma ecolalia, mas são auto-repetições produzidas ao longo de uma interação com o pai. Essas ocorrências estão destacadas nas linhas 08, 09, 18 e 23 do excerto transcrito.

Excerto 02: Corpus NIFLINC-TEA/UNIFESP

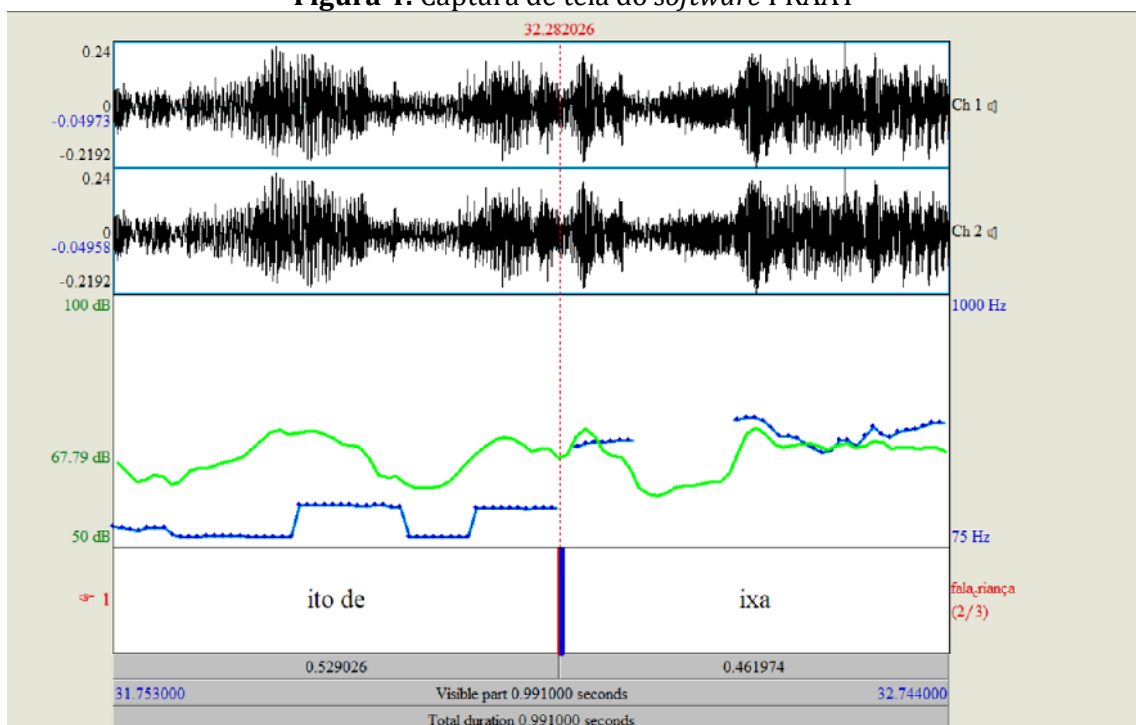
```

01 PAI * olha um ca:::rro= *
02 * pega carrinho na caixa *
03 GUS =ita issa@
04 gus_o @olha p/ brinquedo-----1. 10
05 (0.3)@
06 gus_m @estica mão p/ brinquedo@
07 PAI olha que carro [legal vru:::m]
08 GUS [(ito DEixã) ]
09 GUS ito deixa\@
10 gus_o @olha p/ trás-----1. 12
11 (0.8) + @(1.7) + <(1.5)((gus agarra colo do pai))>
12 gus_o @olha p/ brinquedo na mão do pai@
13 GUS Eti\
14 (0.8)
15 GUS mã\
16 PAI não não pode subi no papai\
17 tem que brincar com o papai mas sem subir=
18 GUS =ito deixa
19 @(1.9) + <(1.2)((pai pega gus no colo))>
20 gus_m @estica a mão direita@
21 PAI * que senta aqui// *
22 pai * coloca gus no colchão *
23 GUS <ito deixA:::(chorando)>
24 PAI vamo dorMIR então//@
25 gus_o @olha p/ baixo@
26 gus_m @bate c/ as mãos na cabeça@
27 (0.7)
28 GUS ti:::@
29 gus_o @olha p/ baixo@
30 gus_m @bate c/ a mão esquerda no rosto@
31 PAI VAmo//
32 @(0.8) + <(0.1)((pai tenta deitar gus))>
33 gus_m @estica as mãos p/ pai@
34 GUS <tindo/((chorando))>=
35 PAI =vamo deitar aqui pra dormi\=
36 GUS =tind\
37 <(0.9)((pai deita gus))>
38 PAI cê ta com soninho//
39 GUS <nã:::(gus se senta)>
40 (0.5)
41 PAI * olha\ (. )@ tem carrinho pra você brincar::: *
42 pai * brinca com o carrinho-----*
43 gus_m @afasta brinquedo c/ mão esquerda----->
44 PAI tem [carrinho pra você brinca:::
45 GUS [INdo:::

```

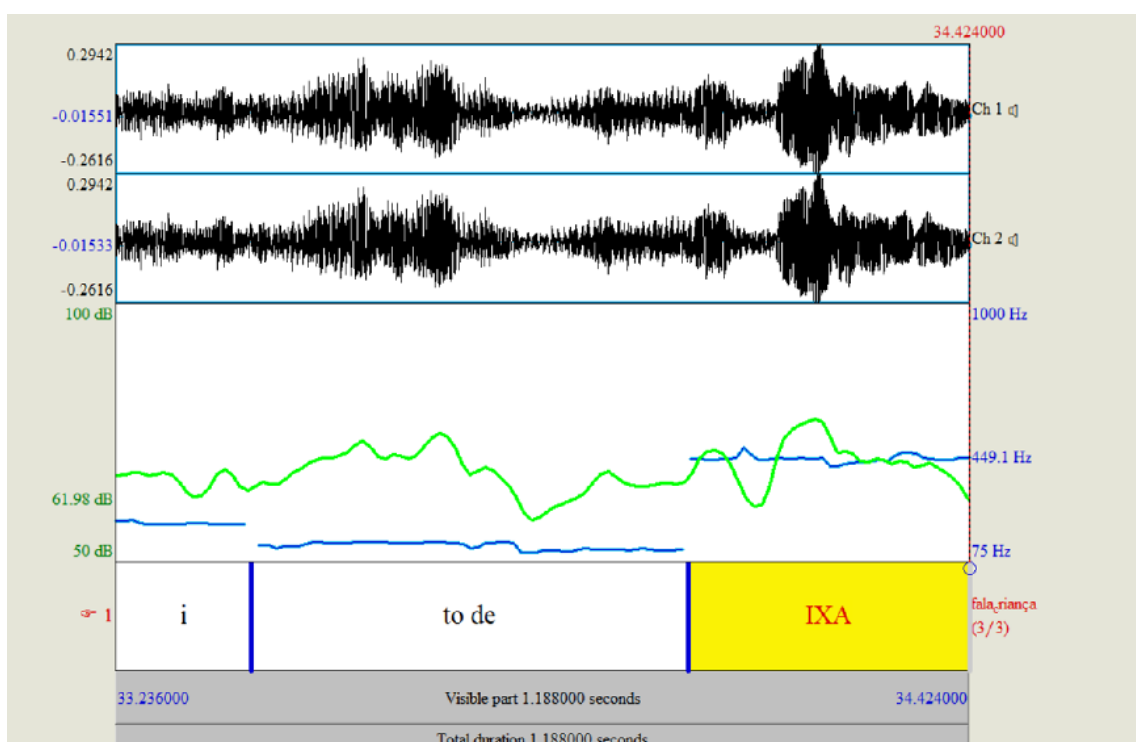
A construção "ito deixa" é produzida quatro vezes acompanhada de diferenças prosódicas. Vejamos a análise do padrão entonacional de cada uma dessas produções a partir do Praat.

Figura 4: Captura de tela do *software* PRAAT



Linha 08 do Excerto 2 acima

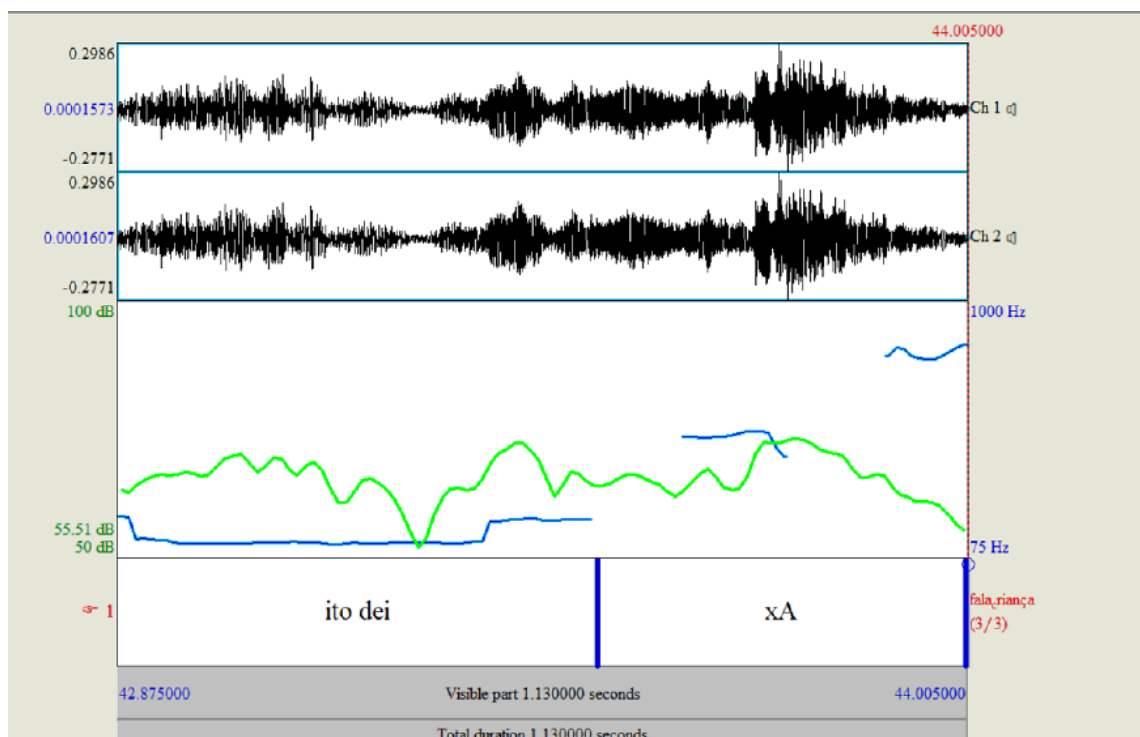
Figura 5: Captura de tela do *software* PRAAT



Linha 09 do Excerto 2 acima

As primeiras produções de “ito deixa” (linhas 08 e 09) se dão após o pai convidá-lo para brincar com um carrinho. No mesmo momento, Gustavo direciona seu olhar para trás. Em seguida, numa tentativa de subir ao colo do pai, o pai produz “não, não pode subir no papai, tem que brincar, mas sem subir” (linhas 16 e 17), colado com o final da frase, Gustavo produz mais uma vez “ito deixa” (linha 18), e então seu pai o pega no colo, levando o até o colchonete disposto no chão. A última produção de “ito deixa” (linha 23) se dá após seu pai perguntar se Gustavo quer sentar-se, ao mesmo tempo que já o coloca sentado. Vejamos abaixo:

Figura 6: Captura de tela do *software* PRAAT



Linha 18 do Excerto 2

Figura 7: Captura de tela do *software* PRAAT

de fala, pode se mostrar altamente sincronizada com a conversa em curso, demonstrando, assim, um monitoramento do comportamento de seu interlocutor. No excerto transcrito notamos o momento em que o pai oferece um brinquedo na tentativa de iniciar uma brincadeira com Gustavo, o pedido parece ser aceito pela criança, uma vez que seu olhar é direcionado para o brinquedo. Mais uma vez, o pai chama a atenção para o carro e novamente parece atingir seu objetivo, já que gestualmente, Gustavo estica sua mão ao alcance do brinquedo e produz duas vezes ‘ito deixa’ (linha 08 e 09) justaposto à fala do pai.

Os aspectos não-verbais configuram, juntamente com os aspectos verbais, o fluxo conversacional, a sequencialidade e a temporalidade das interações (MONDADA, 2004). Os estudos interacionais multimodais (GOODWIN, 1986; ERICKSON e SCHULTZ, 1982; HEATH, 1986; MONDADA, 2016), incluindo os estudos aplicados a interações envolvendo autistas (KORKIAKANGAS, 2014; DOAK, 2018), tem mostrado como prosódia e posturas corporais, por exemplo, nos fornecem uma grande quantidade de informações a respeito da organização e da estruturação da própria interação. Esses recursos podem ser mais convencionalizados, tais como os recursos linguísticos e alguns recursos gestuais, ou mais improvisados e contingentes (MONDADA, 2019), incluindo vocalizações, movimentos e manipulação de objetos, que são altamente dependentes das especificidades do contexto (MONDADA, 2019).

Embora seja uma produção verbal, as funcionalidades das repetições parecem ser potencializadas muito mais através dos traços prosódicos, dos locais que ocupam no turno e, principalmente, através das possibilidades de serem recicladas pela fala do adulto, do que exclusivamente pelo significado que veiculam verbalmente, como parece nos indicar nesse excerto 2, “ito deixa”.

Seguindo o que ocorre nas linhas posteriores nessa interação, o movimento de cabeça para trás, que parece ser interpretado pelo pai como uma recusa ao brinquedo, impõe outras tentativas de engajar Gustavo na interação. Gustavo sobe no colo do pai (linha 11). Após um pedido do pai, Gustavo produz novamente ‘ito deixa’ (linha 18) seguido de movimento de mão. Ao ser perguntado pelo pai se queria sentar (linha 21), Gustavo novamente produz ‘ito deixa’ (linha 23).

Estudos como Fay (1967, 1969); Fay e Schuler (1980); Shapiro *et al.*, (1970) têm mostrado que aquilo que ressoa como um eco pode se manifestar dentro de propósitos interacionais e intersubjetivos também. Sterponi e Shankey (2014), por exemplo, mostram como a interação social organiza a ecolalia autista e como falas repetitivas correspondem a perceptíveis trajetórias interacionais que podem ser tratadas analiticamente de forma a compreender tanto suas funções e seu papel na interação quanto a forma como a criança autista se relaciona com a linguagem. De acordo com os pais de Gustavo, sua frequência verbal é baixa, o que o faz recorrer muitas vezes a ecolalias imediatas e tardias. No dado analisado, notamos, primeiramente, um padrão de repetição de Gustavo em que suas produções o colocam, mesmo sem que suas intenções comunicativas possam ser facilmente apreensíveis e com prejuízos semânticos e pragmáticos identificados, como potencialmente ativo na sequencialidade do turno estruturado por pares adjacentes (SACKS, SCHEGLOFF, JEFFERSON, 1974). Na interação, há uma continuidade da estrutura da conversação, em que as manutenções de resposta

interacional do pai tem como consequência a manutenção do lugar de interlocutor de Gustavo na dinâmica de turnos, oferecendo alguma progressividade da fala em interação (SCHEGLOFF, 1979, 2007; LERNER, 1996 *apud* CLARKE e WILKINSON, 2010). Ao levantarmos hipóteses acerca de seu comportamento linguístico, notamos que a frequência de 'ito' ao longo da interação de 20 minutos, em sua variação prosódica e sintática, diz respeito ao uso da língua em um repertório linguístico restrito, mas que parece não esboçar um “estar fora” da interação, justamente pela reciclagem que seu interlocutor pode promover ao ocupar a segunda posição do par adjacente da produção de Gustavo com uma fala propositiva ou diretiva.

DISCUSSÃO

Ao conduzir o tratamento dos dados empreendido aqui, nos propomos a tentar compreender a emergência de uma ecolalia ou de um padrão de vocalização mais restrito ou repetitivo em uma interação em termos dos desdobramentos, do ponto de vista interacional, que esta produção tem para a interação entre as pessoas dela participantes. Nesse sentido, o enfoque sobre como o outro (familiar ou terapeuta) trata interacionalmente tais ocorrências e sobre as trajetórias interacionais parecerem propiciar mais possibilidades de sociabilidade da criança autista. Esse enfoque é inspirado em trabalhos como os de Sterponi, Kirby e Shankey (2014). As autoras nos convidam a repensarmos a linguagem no autismo com base em uma abordagem multidimensional. Esta abordagem leva em consideração sua dimensão interacional-dialógica; sua dimensão pragmática, uma vez que a linguagem é uma ação; e sua dimensão experiencial, uma vez que temos, cada um movido por suas condições individuais e socioculturais, uma experiência com a linguagem.

Com base no entendimento de que o TEA compromete o engajamento social com o outro, são crescentes os estudos que apontam que é pertinente dar conta não apenas das falas dos sujeitos autistas nas interações, mas também das falas do outro na construção dessas interações. É dentro dessa perspectiva que há uma visão crítica crescente (PRIZANT e DUCHAN, 1981; PRIZANT e RYDELL, 1984; WETHERBY e PRUTTING, 1984; OCHS *et al.*, 2004; OCHS e SOLOMON, 2005, 2010) frente aos estudos da linguagem verbal em sujeitos com TEA que se inserem em uma perspectiva de análise que busca ou enfatiza as limitações ou os déficits, sem levar em consideração se e quais funções essas produções indicativas de limitações podem conter. Para esses autores que fazem essa crítica, uma das implicações em se considerar exclusivamente os déficits é justamente desconsiderar as possibilidades e funcionalidades constitutivas das produções autistas para além do padrão comunicacional típico (BALTAxe e SIMMONS, 1977; RUTTER, 1978; SIMMONS e BALTAxe, 1975).

As ecolalias e as repetições, que nos interessaram explorar, fazem parte desse amálgama de descrições que receberam, na história de sua investigação, uma abordagem mais predominante sobre o sintoma, a repetição. Esta abordagem, em

parte, desconsiderava que essas ocorrências podem também significar funcionalidades na interação, uma vez que, naturalmente, os indivíduos estão habituados a repetir tanto suas próprias produções como a de outros. Os primeiros estudos sobre as ecolalias descrevem-nas como um fenômeno incisivo da fala de crianças autistas verbais, sendo tradicionalmente concebida como um comportamento automático sem função comunicativa. A repetição em crianças autistas também esteve associada à mesmice (KANNER, 1943), a uma orientação para o interior (CARLUCCIO, SOURS e KALB, 1964) e a um repertório limitado de ações comunicativas (RUTTER, 1978). Mas estudos posteriores, como os tomados por base neste artigo, nos mostraram as possibilidades interativas que as repetições podem assumir e os desafios metodológicos envolvidos para identificar componentes dessas produções (sintáticos, entonacionais, pragmático-interacionais).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, reconhecemos algumas limitações desse estudo apresentado aqui. Um deles diz respeito à necessidade de uma análise multimodal mais aprofundada dos momentos em que repetições ocorrem na interação de forma coordenada com sua organização multimodal. A análise multimodal das ocorrências de repetições pode ser ampliada se forem considerados os elementos não-verbais constitutivos da dinâmica interacional, como o direcionamento de olhar (mas não só), na qual as repetições ou ecolalias emergem. Embora seja uma produção verbal, suas funcionalidades parecem ser potencializadas muito mais através dos traços prosódicos, dos locais que ocupam no turno e suas possibilidades de serem recicladas pela fala do adulto, do que exclusivamente pelo significado que veiculam verbalmente.

Um segundo aspecto identificado diz respeito ao volume de dados sobre os quais foram aplicadas as análises. Apresentamos aqui dois excertos. Uma análise detalhada dessas produções permitiu decompor vários dos componentes dela constitutivos, no entanto, reconhecemos que um empreendimento que pudesse conjugar uma análise detalhada a um universo maior de dados poderia ser pertinente, embora este não tenha sido o recorte realizado neste artigo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos os apoios financeiros recebidos para o desenvolvimento desta pesquisa: Fundação de Amparo à pesquisa de Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2018/07565-7) e ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq, processo 40509120184).

Referências

ARMONIA, Aline Citino *et al.* Relação entre vocabulário receptivo e expressivo em crianças com transtorno específico do desenvolvimento da fala e da linguagem. *Rev. CEFAC*, v. 17, n. 3, p. 759-765, mai-jun, 2015. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462015000300759&lng=pt&nrm=iso Acesso em 25 jun. 2020.

BEZERRA, Jéssica Tayrine Gomes de Melo; SILVA, Paula Michely Soares; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Softwares de transcrição como auxílio para as pesquisas com enfoque multimodal no processo de aquisição da linguagem. *Texto livre: Linguagem e Tecnologia*, v. 9, n. 1, p. 77-93, 2016.

CARLUCCIO, Charles, Sours, JOHN A. e KALB, Lawrence C. Psychodynamics of echo-reactions. *Archives of General Psychiatry*, 1964, p. 10, 623–629.

CLARKE, Michael; WILKINSON, Ray. Communication aid use in children's conversation: Time, timing and speaker transfer. In GARDNER, Hilary; FORRESTER, Michael (Ed.). *Analysing Interactions in Childhood: Insights from Conversation Analysis*. New Jersey: Wiley, 2010, p. 249-269.

CRUZ, Fernanda Miranda. Elementos para uma análise multimodal da interação: um exemplo de correlação linguístico-gestual no autismo. In Gonçalves Segundo *et al.*, (org.) *Texto, discurso e multimodalidade: perspectivas atuais*. São Paulo: Editora Paulistana. 2017, p. 158 – 179.

CRUZ, Fernanda Miranda. Verbal repetitions and echolalia in Alzheimer's discourse. *Clinical linguistics & phonetics*, v. 24. 848-58, 2010.

DYER, Christopher; HADDEN, Angela J. Delayed echolalia in autism: some observations on differences within the term. *Child: Care, Health and Development*, v. 7, p. 331-345, 1981.

ERICKSON, Frederick; SCHULTZ, Jeffrey. The counselor as gatekeeper. Social interaction in interviews. In: HAMMEL, E. *et al.* (org.). *Language, Thought and Culture: Advances in the Study of Cognition*. New York: Academic Press, 1982. p. 237-260.

FAY, Warren H. Mitigated echolalia of children. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v. 10, p. 305-310, 1967.

FAY, Warren H. On the basis of autistic echolalia. *Journal of Communication Disorders*, v. 2, p. 38-49, 1969;

FAY, Warren H. Aspects of language. In FAY, Warren H. e SCHULER, Adriana L., (org.), *Emerging language in autistic children*. London: Arnold. 1980.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Ecolalia em Psicoses infantis. *Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.* São Paulo, v. III, n. 2, p. 74-83, 1993.

GOODWIN, Charles. Gestures as a resource for the organization of mutual orientation. *Semiotica, Amsterdam*, v. 62. jan. 1986, p. 29-49. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/semi.1986.62.1-2.51>. Acesso em: 18 out. 2020.

HEATH, Christian. *Body Movement and Speech in Medical Interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, v. 2, p. 217-250, 1943.

KORKIAKANGAS, Theri; RAE, John; DICKERSON, Paul. The interactional work of repeated talk between a teacher and a child with autism. *Journal of Interactional Research in Communication Disorders*, v. 3, n.1, p. 1-25, 2012.

KORKIAKANGAS, Theri; RAE, John. The interactional use of eye-gaze in children with autism spectrum disorders. *Interaction Studies*, v. 15, n. 2, p. 233-259, 2014.

KORKIAKANGAS, Theri. *Communication, Gaze and Autism*. New York: Routledge, 2018.

LAI, Meng Chuan; LOMBARDO, Michael; BARON-COHEN, Simon. Autism. *The Lancet*, 383, p. 869-910, 2014.

DOAK, Luran. 'But I'd rather have raisins!': Exploring a hybridized approach to multimodal interaction in the case of a minimally verbal child with autism. *Qualitative Research*. v. 19, n. 1, jan. 2018. Disponível em: <https://doi:10.1177/1468794117752115>. Acesso em: 12 set. 2020.

LOCAL, John e WOOTTTON, AJ. Interaction and Phonetic Aspects of Immediate Echolalia in Autism: A Case Study. *Clinical Linguistics and Phonetics*, v. 9, p. 155-194, 1995.

MARTELETO, Márcia Regina Fumagalli; PEDROMÔNICO, Márcia Regina Marcondes. Validity of Autism Behavior Checklist (ABC): preliminary study. *Rev Bras Psiquiatr*, v. 27, n. 4, p. 295-301, 2005.

MARTELETO, Márcia Regina Fumagalli. *Habilidades cognitivas promotoras de inserção social em crianças com autismo infantil e Síndrome de Asperger*. 100 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2009.

MENEZES, Maria Lúcia Novaes. "A construção de um instrumento para avaliação do desenvolvimento da linguagem: *idealização, estudo piloto para padronização e validação*". 155 f. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Fernandes Figueiras/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2003.

MENEZES, Camila Giaconda de Lima; PERISSINOTO, Jacy. Habilidade de atenção compartilhada em sujeitos com transtorno do espectro autístico. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v. 20, n. 4, p. 273-278, out-dez, 2008.

MONDADA, Lorenza. L'analyse de corpus dans la perspective de la linguistique

interactionnelle: des analyses de cas singuliers aux analyses de collections. In CONDAMINE, A. (Ed.), *Sémantique et corpus*. Paris: Hermès, 2004.

MONDADA, Lorenza. Conventions for multimodal transcription, versão 3.0.1.2014.

Disponível em:

https://franz.unibas.ch/fileadmin/franz/user_upload/redaktion/Mondada_conv_multimodalit y.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

MONDADA, Lorenza. Challenges of multimodality: language and the body in social interaction. *Journal of Sociolinguistics*, v. 20, n. 3, p. 336-366, jun. 2016a. Disponível em: https://doi.org/10.1111/josl.1_12177. Acesso em: 20 set. 2020.

MONDADA, Lorenza. Transcribing silent actions: a multimodal approach of sequence organization. *Social Interaction. Video-Based Studies of Human Sociality*, v. 2, n. 1, mar. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7146/si.v2i1.113150>. Acesso em: 18 out. 2020.

OCHS, Elinor e SOLOMON, Olga. From outside-in: Practical logic and autism. In EGERDON, R. e CASEY, C. (org.) *A companion to Psychological Anthropology: Modernity and Psychocultural change*. Oxford: Blackwell. 2005.

OCHS, Elinor *et al.* Autism in the Social Word: An Anthropological Perspective. *Discourse Studies*, v. 6, n. 2, p. 147-183, 2004.

OCHS, Elinor; SOLOMON, Olga. Autistic Sociality. *ETHOS*, v. 38, n. 1, p. 69-92, 2010.

OCHS, Elinor. Experiencing Language. *Anthropological Theory*, v. i2, n. 2, p. 142-160, 2012.

POMERANTZ, Anita. Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn shapes. In: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John. *Structures of social action: studies in conversation analysis (Studies in emotion and social interaction)*. Paris: Cambridge University Press, 1984. p. 57-101.

PRIZANT, Barry; DUCHAN, Judith. The functions of immediate echolalia in autistic children. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v. 46, p. 241-249. 1981.

PRIZANT, Barry. Language acquisition and communicative behavior in autism: toward an understanding of the 'whole' of it. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v. 48, p. 296-307, 1983.

PRIZANT, Barry; RYDELL, Patrick. Analysis of functions of delayed echolalia in autistic children. *Journal of Speech and Hearing Research*, v. 27, p. 183-192, 1984.

RUTTER, Michael. Diagnosis and definitions of childhood autism. *Journal of Autism & Childhood Schizophrenia*, v. 8, n. 2, p. 136-161, 1978.

SAAD, Andressa Gouveia de Faria; GOLDFELD, Márcia. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, v. 21, n. 3, p. 255-260, 2009.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, v. 50, p. 696-735, 1974.

SCHULER, Adriana. Echolalia: issues and clinical applications. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, v. XLIV, p. 411-434, 1979.

SHAPIRO, Theodore, ROBERTS, Arlene e FISH, Barbara. Imitation and echoing in young schizophrenic children. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, v. 9, p. 548-565, 1970.

SOUZA, Joseane de; OSTERMANN, Ana Cristina. "Tudo bem", "tudo em paz" e "uma tremenda sorte": avaliações positivas no gerenciamento da incerteza na comunicação entre oncologistas e pacientes com câncer de mama. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 609-640, 2017.

STERPONI, Laura; SHANKEY, Jennifer. Rethinking echolalia: repetition as interactional resource in the communication of a child with autism. *Journal of Child Language*, v. 41, p. 275-304, 2014.

STERPONI, Laura; KIRBY, Kenton de; SHANKEY, Jennifer. Rethinking language in autism. *Autism*, v. 19, n.5, p. 517-526, 2015.

STREECK, Jurgen; GOODWIN, Charles; LeBARON, Curtis. (Orgs.) *Embodied Interaction: language and body in the material world*. New York, Cambridge University Press, 2011.

TAMANAHAN, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; PEDROMÔNICO, Márcia Regina Marcondes. Considerações sobre o uso da ecolalia por crianças diagnosticadas com Síndrome de Asperger: uma abordagem fonoaudiológica. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 26, n. 4, p. 277-279, 2004.

TAMANAHAN, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Uma breve revisão histórica dos conceitos do autismo infantil e da síndrome de asperger. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. v.13, n. 3, p. 296-299, 2008.

VIOLETTE, Joseph; SWISHER, Linda. Echolalic responses by a child with autism to four experimental conditions of sociolinguistic input. *Journal of Speech and Hearing Research*, v. 35, p. 139-147, 1992.

WETHERBY, Amy Miller e PRUTTING, Carol A. Profiles of Communicative and Cognitive-Social Abilities in Autistic Children. *Journal of Speech and Hearing Research*, v. 27, p. 364-377, 1984.

WOLF, Sulammith; CHESS, Stella. An analysis of the language of fourteen schizophrenic children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 6, p. 29-41, 1965.

Para citar este artigo

MEIRA, Larissa Tavares *et al.* Descrição e análise de repetições em interações de duas crianças com transtorno do espectro do autismo. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 9, n. 3, p. 1073-1096, set.-dez. 2020.

As autoras

Larissa Tavares Meira é graduanda em Letras – Português/Inglês, pesquisadora de iniciação científica do Laboratório de Linguagem e Cognição (LabLinC).

Fernanda Miranda Cruz é professora doutora do Departamento de Letras – Unifesp, pesquisadora produtividade CNPq, pesquisadora do Laboratório de Linguagem e Cognição (LabLinC), docente do programa de pós graduação em Letras - Unifesp.

Ana Carina Tamanaha é professora afiliada do Departamento de Fonoaudiologia – Unifesp, docente do programa de pós-graduação de distúrbios da

comunicação e pesquisadora do Núcleo de Investigação Fonoaudiológica em Crianças e Adolescentes com TEA (NIFLINC-TEA).

Nome do Autor é professora do Departamento de Fonoaudiologia - Unifesp, docente do programa de pós-graduação de distúrbios da comunicação e coordenadora do Núcleo de Investigação Fonoaudiológica em Crianças e Adolescentes com TEA (NIFLINC-TEA).